

“LEMBRANÇAS DA GUERRA DO PARAGUAI” NA OBRA DE PEDRO NAVA

“RECOLLECTIONS OF PARAGUAYAN WAR” IN PEDRO NAVA’S WORK

Maria Alice Ribeiro Gabriel¹

Endereço profissional: Av. Floriano Peixoto, 5322. Alto Umuarama,
Uberlândia – MG. CEP - 38405-184.
E-mail: rgabriel1935@gmail.com.

Resumo: Diários, cartas, memórias e narrativas pessoais emergem como matéria essencial para o estudo da Guerra do Paraguai. Contudo, essas memórias permanecem usualmente estabelecidas no contexto da história naval e militar. Considerando perspectivas de análise históricas e literárias, o presente estudo examina o tema da Guerra do Paraguai nas Memórias de Pedro Nava. O objetivo é identificar os principais temas relacionados ao conflito pelo autor.

Abstract: Diaries, letters, memoirs, personal memories and narratives emerged as an essential subject for the study of Paraguayan War. However, these memories remains usually established in the context of military and naval history. Considering historical and literary perspectives of analysis, the present study examines the issue of Paraguayan War in Pedro Nava’s Memoirs. The objective is to identify the major themes related to the conflict commented by the author.

Palavras-chave: Pedro Nava; Memórias; Guerra do Paraguai.

Keywords: Pedro Nava; Memoirs; Paraguayan war.

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora vinculada ao grupo Variações do Insólito: do mito clássico à modernidade. UFPB/CNPq. <https://orcid.org/0000-0003-0256-1306>.

A Guerra do Paraguai é considerada o maior conflito internacional² e confronto armado³ da América do Sul, em razão dos países⁴ e territórios⁵ envolvidos, do número de mortos⁶, das privações e padecimentos⁷, prejuízos econômicos⁸ e sociais causados, representando ainda um dos grandes traumatismos da história moderna dos povos indígenas do Brasil e do Paraguai.⁹

O historiador brasileiro Francisco Doratioto¹⁰ sintetizou a essência das duas correntes críticas predominantes sobre o conflito até o século XX, afirmando que, ao ignorar documentos e anestesiar o sentido crítico, a historiografia conservadora e o revisionismo simplificaram as causas e os desdobramentos da Guerra do Paraguai. Ambos substituíram a metodologia do trabalho histórico pela emoção fácil e a denúncia indignada. Para Alberto Díaz, o revisionismo histórico dos países latino-americanos deve ser ponderado como fenômeno local, cujas raízes, de origem nacional e internacional, respondem a situações que se encontram nas realidades dos países vizinhos. Assim, dos países limítrofes surgem vários autores que, sem prejuízo de suas inevitáveis variantes e diferenças, enquadram-se no chamado “campo revisionista”.¹¹ Também a literatura refletiu a influência das visões que ambas as correntes críticas legaram do conflito.

A historiadora Emma Calmanash¹² relacionou o pensamento historiográfico da Guerra da Tríplice Aliança ao contexto político em vigor até fins dos anos 80: “[...] cuando se producía el destape en los países vecinos de Paraguay y empezaba el desplome de la estructura todavía represiva de Stroessner, intelectuales paraguayos cuestionaron el nacionalismo lopizta”.¹³ Guido Rodríguez Alcalá fê-lo com ironia nas novelas *Caballero* (1986) e *Caballero Rey* (1988) e no ensaio “Ideologia autoritaria”

2 CARVALHO, Elizandro. Notas para a história dos municípios de Araripe, Saboeiro e Araré no século XIX. Juazeiro do Norte, Ceará: BSG, Bureau de Serviços Gráficos, 2013, p. 89.

3 MENEZES, Alfredo da Mota. Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Bonecker Acadêmico, 2017, p. 63.

4 DORATIOTO, Francisco. Guerra do Paraguai: 2ª Visão. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 16.

5 PALERMO, Eduardo R. La Guerra contra el Paraguay y la participación Uruguaya. Entre el olvido y a desmemoria. In: ESSELIN, Paulo Marcos; JUNIOR, Carlos Martins (Org.). Guerra Grande: A Tríplice Aliança contra o Paraguai. Visões e Revisões. Porto Alegre: Editora FCM, 2017, p. 246. Ver ainda: ALCALÁ, Guido Rodríguez Alcalá; ALCÁZAR, José Eduardo. Cuestiones de límites y navegación. In: Paraguay y Brasil: documentos sobre las relaciones binacionales, 1844-1864. Asunción: Tiempo de Historia, 2007, p. 265-326.

6 MAESTRI, Mario. Guerra no Papel: História e Historiografia da Guerra no Paraguai (1864-1870). Passo Fundo: PPGH/UPF, 2013, p. 232.

7 MARCO, Miguel Ángel. La Guerra del Paraguay. Buenos Aires: Planeta, 2003, p. 241.

8 IZECKSOHN, Vitor. O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o Núcleo Profissional do Exército. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda. 2002, p. 85.

9 ESSELIN, Paulo Marcos; VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. A participação dos indígenas da banda meridional da capitania de Mato Grosso na Guerra do Paraguai. Revista História: Debates e Tendências, v. 15, nº. 2, jul./dez. 2015, p. 367-382.

10 DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra: nueva historia de la Guerra del Paraguay. Emecé Editores, 2004, p. 18.

11 DÍAZ, Alberto. El Revisionismo histórico. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Diccionario de Política. 14ª edición em español. Traducción de José Aricó, Martí Soler y Jorge Tula. Cerro del Agua, Mexico: Siglo veintiuno editores, p. 1410.

12 Emma Calmanash é descendente de Carmen Ferré de Alsina, sobrinha do Governador Pedro Ferré, casada com o Coronel Fermín Alsina (1828-1873), sequestrada junto a outras quatro damas correntinhas durante a Guerra do Paraguai, entre 1865 e 1869, e liberada ao final da contenda. Carmen Ferré foi levada cativa com sua filha Carmen; Jacoba Plaza, esposa de Manuel Cabral, com seu filho Manuel; e com Toribia Santos, esposa do Coronel Desiderio Sosa; Victoria Bart, esposa de Alejo Ceballos; e Encarnación Atienza, esposa do Sargento maior Santiago Osuna.

13 CALMANASH, Emma. Las Cautivas Correntinas en la Guerra del Paraguay (1864-1870). Memorias rescatadas. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2013, p. 198.

(1987). Ricardo Caballero Aquino, em *Segunda República Paraguaya (1869-1906)*, publicado postumamente em 1985, expôs as lacunas da historiografia nacionalista. Esses e outros trabalhos de reavaliação do nacionalismo autoritário eram parte do processo de mudanças em marcha no Paraguai e que resultou na derrocada do regime de Alfredo Stroessner, após o golpe militar de 1989, conduzido pelo General Rodríguez.¹⁴

Aludindo ao momento que antecede o período revisionista, Mário Maestri notou que a maior parte dos escritos memorialistas sobre a guerra contra o Paraguai provêm da pena de “[...] oficiais e profissionais liberais que participaram da Guerra, sem grandes informações sobre suas razões profundas, sobre o Paraguai e sua sociedade e, não raro, sobre o próprio Império, uma entidade na época sobretudo política, devido à fortíssima regionalização do país”, feito a obra do Visconde de Taunay, “construída como memória pessoal” e distanciada dos parâmetros da historiografia da época, embora preserve “a descrição cronológica tradicional dos fatos”.¹⁵

Conforme referiu Hilda Agnes Hübner Flores, a pesquisa histórica e literatura produzida sobre a Guerra do Paraguai apoia-se nos “[...] depoimentos dos memorialistas presentes à guerra, seja como combatentes, como observadores ou como prisioneiros”. Além de Taunay, “presente na *Retirada da Laguna* e depois secretário do Conde d’Eu, quando comandante das forças aliadas no Sul”, a autora cita o oficial inglês George Thompson, oficial de engenharia de Solano López durante a guerra e residente no Paraguai de 1857 a 1869; o militar alemão Max von Versen, “jornalista-espectador” da guerra, feito prisioneiro de López; as *Memórias de M^{me} Dorothea Duprat de Lassere*, francesa que viveu no Paraguai e teve os filhos sacrificados no conflito; as memórias redigidas pelo General Luís José Rodrigues da Silva, já octogenário, narrando sua vivência na guerra como jovem soldado; o relato do General Dionísio Cerqueira, quatro décadas após servir na guerra como cadete; e o relato do espanhol Ildefonso Bermejo, radicado no Paraguai a convite de López, descrevendo “[...] a rusticidade e as circunstâncias da vida social, privada e econômica no Paraguai de D. Carlos López, pai de Francisco Solano”.¹⁶

Para avaliar a identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai, Tiago Gomes de Araújo discorreu sobre quatro fontes históricas escritas por oficiais do Exército que relataram suas experiências de combatentes: as *Recordações da Campanha do Paraguai* (1924), de José Luís Rodrigues da Silva; o *Diário da Guerra do Paraguai* (1866), de André Rebouças, publicado em 1920, 1938 e 1973; *Diário do Exército – Campanha do Paraguai (1869-1870)*, de Taunay; e *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, de Dionísio Cerqueira. “Testemunhas do conflito, os

14 Idem, p. 198.

15 MAESTRI, Mário. Guerra no Papel: História e Historiografia da Guerra no Paraguai (1864-1870). Passo Fundo: PPGH/UPF, 2013, p. 236.

16 FLORES, Hilda Agnes Hübner. Mulheres na Guerra do Paraguai. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010, p. 9.

memorialistas apresentaram suas opiniões sobre as batalhas e o cotidiano da guerra; suas opiniões são relevantes para o estudo dos aspectos sócio-históricos sobre aquela contenda”.¹⁷ Na vertente memorialística referida por Araújo, vale lembrar o *Diário da Guerra do Paraguai* (1995), memórias do tenente secretário do Exército brasileiro, advogado e político pernambucano José Campello d’Albuquerque Galvão, que têm início em 1865 e o diário de campanha do tenente Francisco Pereira da Silva Barbosa¹⁸ (1843-1931). Mencione-se ainda o *Diário do Conde d’Eu*: comandante em chefe das tropas brasileiras em operação na República do Paraguai, publicado em 2017, cujo manuscrito original em francês foi entregue ao Arquivo Histórico do Museu Imperial, em Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro.

Os estudos voltados a escritos memorialísticos abordando a Guerra da Tríplice Aliança, Grande Guerra ou Guerra do Paraguai permanecem centrados no testemunho de ex-combatentes, do Exército e da Marinha¹⁹, como *A Retirada da Laguna* (1871), de Alfredo d’Escagnolle Taunay; *Reminiscências da Campanha do Paraguai: 1865-1870* (1910), do General Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira; *Datos históricos de la Guerra del Paraguay* (1896), do General Francisco Isidoro Resquín; *Archivo del General Mitre* (1911-1914)²⁰, de Bartolomé Mitre; *Recuerdos de la Guerra del Paraguay* (1931), do major Gaspar Centurión; *Campanha do Paraguai* (1906) e *Reminiscências da Guerra do Paraguai* (1935), do Almirante Artur Silveira de Motta (Artur Jaceguai) e *Memórias o reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay* (1944)²¹, do Coronel do exército paraguaio Juan Crisóstomo Centurión, redigidas entre 1890 e 1895; e *Diário da Campanha Naval do Paraguai: 1866* (1999), do Capitão-Tenente Manuel Carneiro da Rocha. Em princípios do século XX, o historiador militar brasileiro Coronel Joaquim de Sales Torres Homem explica os limites compreendidos pelas fontes geradas no contexto da Guerra. Naquele momento, o ideal é que o corpo de oficiais:

[...] do exército e o das grandes unidades, como também os commandantes das pequenas unidades, façam o histórico da parte que tiverem em campanha, sendo esse histórico acompanhado de plantas elucidativas, completadas ou corrigidas nos reconhecimentos, feitos por necessidade das operações. Como porém o serviço de estado maior nas nossas guerras era embryonario e a instrução dos officiaes, que tomaram parte nas mesmas, não obrigava a esse histórico, teremos de nos contentar

17 ARAÚJO, Tiago Gomes de. A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870). 2ª ed. Rio de Janeiro: Ar Editora, 2016, p. 179.

18 MAESTRI, Mário. Silva Barbosa: Diário de um voluntário na guerra contra o Paraguai. Da defesa de São Borja à morte de Francisco Solano López. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). 150 anos após - A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016, p. 109-136.

19 ARAÚJO, Tiago. Nos combates memorialísticos: a Guerra do Paraguai (1865-1870) nos diários navais brasileiros. XIV Encontro Regional da ANPUH-SC, 2012. Disponível em: <http://www.anpuh-sc.org.br/encontro2012/uploads/simposio-16-trabalho-18.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.

20 IGLESIAS, Ximena; RAYA, Sebastián. El Archivo Mitre y sus secretos. La Guerra del Paraguay. Revista Electrónica de Fuentes y Archivos, año 7, n. 7, p. 284-291, 2016.

21 MAESTRI, Mário. Piribebuy, a capital mártir: história, historiografia e ideologia na Guerra no Paraguai. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 39, n. 1, p. 32-53, jan./jun. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/avmar/Downloads/13569-61511-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.

com o que relataram os documentos officiaes e os chronistas da época (...) Sendo porém irremediavel a falta de taes detalhes, não se pode exigir mais do que a referencia methodica, com o juizo critico (...).²²

A historiadora uruguaia Ana Ribeiro correlacionou memórias e crônica memorialista, sob o argumento de que o memorialista e o cronista apresentam a mesma atitude ante o tempo: não o integram a sua cosmovisão. Carlos Anaya, Ramón de Cáceres, Juan Spikerman, Luís de la Torre, Francisco Agustín Wright, Antônio Pereira, Antônio Díaz, testemunharam sua época em suas memórias. “Será este un género de gran longevidad: León de Palleja evocará por medio de él la Guerra del Paraguay”.²³ A exemplo de vários historiadores, Ribeiro lista personalidades militares e políticas importantes na história, no caso, do Uruguai, mas a memória da Guerra do Paraguai poderia ser investigada igualmente no domínio das recordações legadas por contemporâneos do conflito a seus descendentes ou círculo de relações sociais e familiares.

Considerando essa hipótese, o tópico da Guerra do Paraguai nas Memórias do médico e escritor brasileiro Pedro Nava, objeto deste artigo, é analisado sob enfoque histórico e literário. O objetivo é expor perfis biográficos e relatos sobre o conflito, a fim de identificar quais eventos e personalidades históricas oficiais subsistem na memória individual e coletiva; bem como os respectivos aspectos micro-históricos: os indivíduos relacionados às memórias da guerra e as principais representações dos fatos evocados em *Território de Epidauro* (1947) e *Baú de ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973) e *Chão de Ferro* (1976), os três volumes iniciais das Memórias.

Filho primogênito, Pedro da Silva Nava nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, “[...] às oito e meia da noite, sexta-feira, 5 de junho de 1903. Foram [s]eus pais o médico cearense Dr. José Pedro da Silva Nava e a mineira D. Diva Mariana Jaguaribe Nava, de nascimento, e apelido a Sinhá Pequena.”²⁴ Após o falecimento de José Nava, no Rio de Janeiro, a 30 de julho de 1911, D. Diva, “abraçando dois filhos de cada lado e trazendo o quinto na barriga”²⁵ retornou para a casa de seus pais, em Juiz de Fora, onde Nava frequentou os Colégios Andrès e Lucindo Filho.

Com a morte da avó materna, a família transfere-se para Belo Horizonte, em dezembro de 1913. Nava é matriculado no Colégio Anglo Mineiro, de onde sairá para se tornar interno do Colégio Pedro II, realizando o ensino secundário no Rio de Janeiro, de 1916 a 1920. Retornou a Belo Horizonte para cursar a faculdade de Medicina, entre 1921 e 1928. Nesse interim torna-se membro de um círculo de jovens intelectuais e poetas, como Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e Mário de Andrade, com

22 HOMEN, J. S. Torres. *Annaes das guerras do Brazil com os estados do Prata e Paraguai*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1911, p. vii.

23 RIBEIRO, Ana. *Historiografia nacional (1880-1940): De la épica al ensayo sociológico*. Montevideo: Ediciones de la Plaza, 1994, p. 30.

24 NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1974, p. 16.

25 Idem, p. 392.

quem discute sua inclinação para a literatura e as artes.

No início da carreira, trabalhou como médico auxiliar da Diretoria de Saúde Pública, do Estado de Minas Gerais e da Assistência Pública do Rio de Janeiro, foi docente na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor interino da Faculdade de Ciências Médicas, catedrático e professor emérito da Faculdade de Aperfeiçoamento Médico da Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde criou a primeira Cadeira de Reumatologia do Brasil. Era médico e conferencista de renome quando, aos 65 anos, iniciou a redação dos sete volumes das Memórias: *Baú de ossos*, *Balão Cativo*, *Chão de Ferro*, *Beira-Mar* (1978), *Galo-das-Trevas* (1981), *O Círio Perfeito* (1983) e o inacabado *Cera das Almas*, publicado em 2006. Falecido a 13 de maio de 1984, ainda é considerado o maior memorialista da literatura nacional.

Memória, biografia e autobiografia: por que um médico do século XX dedicou várias páginas para recuperar “memórias” sobre o conflito oitocentista

Antes de iniciar a redação de *Baú de ossos*, logo aclamado pela crítica, o talento literário do memorialista já fora notado pelos modernistas mineiros, nos anos vinte e, posteriormente, por uma geração de intelectuais de seu convívio, como Afonso Arinos de Melo Franco, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Plínio Doyle. A repercussão da conferência “A Medicina de *Os Lusíadas*”, proferida no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, em 1961, “valeu ao autor uma condecoração do governo lusitano”, recordou Paulo Penido.²⁶ Entrevistado pelo escritor e jornalista Edmílson Caminha, durante a preparação de *Cera das Almas*, ele faz um comentário que relaciona a escrita das Memórias ao campo autobiográfico:

Meu plano inicial não era escrever cinco volumes: eu queria escrever um livro de lembranças familiares, de fatos que eu conheci mas meus irmãos ignoravam. Seria um livro clandestino, pra correr dentro da família. Os originais eu dei pra ler ao Fernando Sabino, ao Otto Lara Resende e ao Drummond, e a opinião deles foi que eu deveria continuar no mesmo tom, escrevendo as minhas memórias. Foi o que aconteceu. Assim, o roteiro é que domina o autor: ele escreve um roteiro pensando que vai ficar preso àqueles trilhos, mas a coisa começa a ter uma porção de desvios, uma porção de outras saídas, de modo que o roteiro não é motivo de contenção, mas de expansão para o autor. Foi o que ocorreu comigo: eu pretendia escrever um livro de lembranças familiares, acabei escrevendo, até o momento seis volumes – que são grandes, de trezentas a quinhentas páginas cada um -, onde estou apenas nos meus trinta, trinta e um anos, por aí. Veja como fui levado pelo meu próprio roteiro, pelo que eu queria escrever. Aquilo provocou em mim uma série de caminhos, uma abertura

26 PENIDO, Paulo. Apresentação. In: NAVA, Pedro. *A Medicina de Os Lusíadas e outros textos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 9.

pra novas estradas, uma coisa extraordinária. Foi uma experiência fascinante, essa viagem dentro de mim mesmo. Vi que tinha muita mais coisa pra contar do que eu próprio supunha...²⁷

Pedro Nava é melhor conhecido do público, em geral, pelos sete volumes das Memórias. Mas deixou considerável acervo de obras, formado por caricaturas, desenhos, pinturas, poemas, cartas e escritos histórico-biográficos sobre a Medicina. Parte desse corpo de escritos, destinada em um primeiro momento a conferências e discursos, inclui artigos e estudos, publicados em separatas da *Revista Brasil Médico-Cirúrgico* ou em coletâneas, como *Território de Epidauro: crônicas e histórias da História da Medicina* (1947), *A Medicina de Os Lusíadas e outros textos* (2004) e *Capítulos da História da Medicina no Brasil* (2004). Textos como “Aloysio de Castro, o Gentil-Homem da Medicina Brasileira”, discurso proferido em 1959 na Academia Nacional de Medicina, incluído n’ *A Medicina de Os Lusíadas* e os capítulos de *Território de Epidauro* sobre os doutores Augusto Cândido Fortes de Bustamante Sá, Carlos Chagas, João Luiz dos Santos Titara e João Vicente Torres Homem filiam-se ao campo biográfico da memorialística.

É próprio à configuração rizomática da obra de Nava sincronizar domínios.²⁸ Assim, a história da cirurgia vascular no Brasil compreende a biografia do doutor “[...] Cândido Borges Monteiro, Visconde de Itaúna (...) E é de justiça que coloquemos ao seu lado a figura quase esquecida de um notável cirurgião vascular brasileiro: Bustamante Sá”²⁹. Por sua vez, “Augusto Cândido Fortes de Bustamante Sá, cirurgião do Hospital Militar da Guarnição da Corte e Oficial da Imperial Ordem da Rosa” (...) Serviu na Guerra do Paraguai e foi 1º cirurgião do Hospital Militar da Corte”³⁰. Nota-se a confluência de planos abarcando a história da Guerra do Paraguai; a história dos pioneiros da cirurgia vascular e das “origens da Medicina Externa no país”. Já na segunda parte de “Apontamentos para o Estudo dos Primórdios da Cirurgia Vascular no Brasil”³¹ transcreve-se interessante documento histórico, o extenso relato de Bustamante Sá, pormenorizando a evolução do caso clínico do pernambucano Francisco Gomes de Mendonça:

Sofreu por várias vezes nos acampamentos do Paraguay de febre intermitente. Em relação à moléstia actual refere que, há cinco mezes, no acampamento de Parê-Cué, suspendera ajudado por outro camarada uma sacco de farinha, e no momento em que ela estava ao nível de sua cabeça,

27 CAMINHA, Edmilson. Palavra de escritor. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 39.

28 GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. “Em ordem escrita as suas lembranças”: performances da memória em Baú de ossos. Scripta, Belo Horizonte, v. 23, n. 47, p. 33-48, 2019.

29 NAVA, Pedro. Apontamentos para o Estudo dos Primórdios da Cirurgia Vascular no Brasil I. In: Território de Epidauro: Crônicas e Histórias da História da Medicina. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 73-75.

30 Idem, p. 73-76.

31 NAVA, Pedro. Apontamentos para o Estudo dos Primórdios da Cirurgia Vascular no Brasil II. Observação de um Caso de Aneurisma Operado por Bustamante Sá. In: Território de Epidauro: Crônicas e Histórias da História da Medicina. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 79-108.

o companheiro casualmente o largára, vindo a extremidade livre cair sobre seu púbis, obrigando-o também a cair (...) pelo que entrara para o hospital, onde fora examinado por vários cirurgiões, os quaes concordaram em o não operar ahí, e removel-o para esta Côrte.³²

As “estampas” do livro de Bustamante Sá reproduzidas em *Território de Epidauró* “[...] mostrando o Voluntário da Pátria Francisco Gomes de Mendonça, em que se praticou a ligadura da íliaca primitiva a 13 de novembro de 1868”,³³ retratam-no trajando um uniforme largo para o seu corpo; convalescendo após a cirurgia e até “o aspecto da cicatriz resultante da operação”. O relato do acidente que feriu Mendonça emoldura um episódio da rotina das tropas acampadas em Paré-Cuê. As condições gerais dos acampamentos do Exército brasileiro foram descritas pelo General José Luís Rodrigues da Silva, em suas *Recordações da Campanha do Paraguai*:

No princípio da guerra ou até meados, andávamos fardados regularmente, decentemente. Passado esse tempo, era uma vergonha, na verdade, pois vestíamos peças de uniformes dos soldados, e na falta, roupa à paisana, já velha, mais semelhante a andrajos, tendo por distintivos a espada e os galões do braço tão-somente. No inverno, mesmo recolhidos a ranchos como Tuiuti, Tuiucú e Paracuê, onde permanecemos largo tempo, experimentamos a crueza da estação com a ausência indefinida do elementar conforto. De contínuo fazíamos fogo para poder dormir. Enfim, com a evasiva de que o pagamento mensal era infalível, como se aumentasse de valor, por isso mesmo, o mísero dinheiro, nunca, durante toda a campanha, recebemos uma gentileza do governo, atinente a suavizar-nos a vida de insanos trabalhos, dissabores, de transes infortunosos.³⁴

Os relatos que aludem à Guerra do Paraguai nas obras de Nava examinadas neste artigo provêm de memórias e testemunhos, escritos e orais. Estes enquadram a narrativa biográfica no plano autobiográfico, por fonte documental, como os apontamentos médicos de Bustamante Sá; e por fonte oral, como os “casos todos da Guerra do López” transmitidos por Joaquim Nogueira Jaguaribe. As reminiscências de familiares e conhecidos sobre a guerra integrariam o sistema a que Doratioto denominou “[...] complexa articulação entre macro história e histórias locais.”³⁵

Se, à imitação do memorialista, as fontes das versões de histórias locais lhes emprestam dados biográficos ou autobiográficos, outro exemplo dessa articulação adviria do efeito cômico que Nava atribui à narrativa de certos episódios, comparável

32 Idem, p. 83-84.

33 Ibidem, p. 80-81.

34 SILVA, José Luís Rodrigues. *Recordações da Campanha do Paraguai*. Volume 72. Brasília: Edições do Senado Federal, 2007, p. 95-96.

35 DORATIOTO, Francisco. *Tentativas de paz na Guerra do Paraguai*. Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 119-131, 2015. Disponível em: http://www.revistanavigator.com.br/navig21/dossie/N21_dossie9.pdf. Acesso em 3 dez. 2019.

ao peculiar estilo burlesco dos *Anais da Inquisição de Lima* (1863) e das *Tradiciones peruanas* (1873), de Ricardo Palma, e ao tom anedótico reconhecido por João Maia em alguns excertos das memórias do General Rodrigues da Silva: “Mas um dos principais atrativos do vasto quadro das *Recordações* é a tonalidade humorística que lhe dá o general, descrevendo em estilo faceto anedotas originais ocorridas nos bivaques, por ele presenciadas e não raro seu co-participante.”³⁶ A linguagem é um tópico que diz respeito ao aspecto subjetivo e ao viés histórico no discurso memorialístico.

Ao abordar o gênero memorialístico sob o enfoque da antropologia cultural, Paul John Eakin analisou os caminhos pelos quais os indivíduos de uma cultura experienciam a noção de identidade, de “ser um ‘eu’”. Tal abordagem requer pensar o referencial estético autobiográfico admitindo a ideia da autobiografia enraizar-se em um fato biográfico. Eakin recordou que, ao identificar as figuras do autor, narrador e protagonista do discurso autobiográfico com “pessoas reais”, Philippe Lejeune validou a postura convencional dos autobiógrafos na condição de fontes fidedignas, notando, entretanto, a hipótese de tais fontes não serem detentoras da “verdade”.³⁷

Embora Eakin reconheça haver um sentido legítimo que orienta o relato da experiência individual, o testemunho do autobiógrafo é necessariamente modulado pelos modelos culturais de discurso e identidade disponíveis. Eakin questiona até que ponto a narrativa autobiográfica equivale à experiência concreta do autor ou reproduz meramente o que ele convencionou dizer, o que implica pensar a diferença entre a realidade psicológica do eu e sua expressão linguística.

Nesse sentido, Richard Kearney distinguiu um equilíbrio precário entre permanecer fiel à história e linguagem próprios de alguém (sem colonizar e inferiorizar o outro) e, ao mesmo tempo, manter uma atitude ética para com ele (acolhendo-o linguisticamente, sem servilismo). Kearney parte do modelo hermenêutico de “hospitalidade narrativa” desenvolvido por Paul Ricoeur³⁸, a fim de refletir sobre a “impossível possibilidade de reconciliação e perdão para com o estrangeiro”.³⁹ No contexto biográfico das Memórias, tal questão se depreende das histórias contadas pelos biografados e de sua atitude ante o conflito, feito o inspetor do Colégio Pedro II e os voluntários da família Alencar, no Ceará, exemplos referidos mais adiante neste artigo.

Segundo Kearney, haveria um padrão referencial para as narrativas nacionalistas de uma era. A validação desse modelo narrativo atualiza representações da identidade nacional e pode suscitar o desejo de (re)imaginar a identidade do inimigo histórico. A

36 MAIA, João. Prefaciando. In: SILVA, José Luís Rodrigues. *Recordações da Campanha do Paraguai*. Volume 72. Brasília: Edições do Senado Federal, 2007, p. 15.

37 EAKIN, Paul John. *How our lives become stories: making selves*. New York: Cornell University Press, p. 4.

38 RICOEUR, Paul. *Reflections on a new Ethos for Europe*. In: KEARNEY, Richard (Ed.). *Paul Ricoeur: The Hermeneutics of Action*. London: Sage, 1996, p. 3-14.

39 KEARNEY, Richard. *Double hospitality: between word and touch*. *Journal for Continental Philosophy of Religion*, Leiden, v. 1, n. 1. p. 71-89, 2019. Disponível em: <https://brill.com/journals/jcpr/jcpr.1.issue-1.xml>.

Acesso em: 3 dez. 2019.

reiteração dessa memória que fomenta o ressentimento encontraria antídoto em uma memória alternativa, capaz de liberar a consciência histórica para rememorar o passado sob novo enfoque⁴⁰. Tal memória foi referida por Ricoeur ao afirmar que o perdão liberaria o passado histórico para um futuro diferente.⁴¹ Ao contar eventos históricos, o testemunho pode oscilar entre a historiografia e a ficção.⁴² Nava faz emergir de um passado que não consta nos compêndios históricos uma narrativa de certa forma romantizada, ao descrever pessoas e relatos que ilustram valores e mitos da memória histórica.

História e literatura

Rica em episódios e figuras marcantes – as batalhas de Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Peribebuí, Cerro Corá e Aquidabã; o Capitão de artilharia Vieira de Souza Argolo, os Brigadeiros José Joaquim de Andrade Neves Filho, João Manuel Mena Barreto e Antônio Corrêa da Câmara – a Guerra do Paraguai inspirou obras como *A Retirada da Laguna*, de Taunay, o poema “A cólera do Império” (1865), de Machado de Assis, os ensaios de Rafael Barrett, em *El Dolor Paraguayo* (1909) e a biografia *Madama Lynch* (1958), de Henri Pitaud.

Em carta a Mário de Andrade, datada de 23 de agosto de 1925, Luís da Câmara Cascudo faz uma relação dos temas que pretendia explicar em *López do Paraguay* (1927)⁴³. Os tópicos sintetizam acontecimentos e questões destacadas sobre a guerra, disseminadas na memória e na cultura popular; presentes na escrita historiográfica, literária, diarística e memorialística:

A morte de Francisco Solano López.
O Lanceiro Chico Diabo.
O que diz o sr. Hermeto Lima.
Conta o general Cunha Mattos...
Um minuto de guerra.
Depõe Pereira da Costa.
Assis Cintra versus Mello Nogueira.
Apela-se para o príncipe Dom Luís.
Segundo Sua Alteza.
A parte de Francisco Isidoro Resquin,

40 KEARNEY, Richard. On Paul Ricoeur. London and New York: Routledge, 2017.

41 RICOEUR, Paul. La mémoire, l'histoire, l'oubli. Paris: Seuil, 2000, p. 626.

42 KEARNEY, Richard. Remembering the past: The question of narrative memory. *Philosophy & Social Criticism*, London, v. 24, n. 2/3, p. 49-60, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/019145379802400205>. Acesso em: 3 dez. 2019.

43 CASCUDO, Luís da. *López do Paraguay*. Natal: Typ. d' A República, 1927.

Mossé e Godoy sobre a morte de López.
A verdade histórica de 1º de março de 1870?
O general Câmara contra o Visconde de Pelotas.
Rosário de histórias.
O Visconde de Pelotas e o Barão de Itaqui.
O exame cadavérico de López.
A certeza convencional do Visconde de Pelotas.
O combate de Aquibadã.
A explicação do Major Von Wersen.
A última ordem do dia do Conde d’Eu.
A crítica de um veterano.
A orelha de López.
As intimações brasileiras.
A morte d’ “EL SUPREMO”.⁴⁴

Maria do Carmo Brazil e Elaine Cancian⁴⁵ discutiram a presença da memória da Guerra do Paraguai na cultura popular e na literatura por meio do poema “Retomada de Corumbá”, do *Livro de Pré-Coisas* (1985), de Manoel de Barros: “[...] o poeta agrega aos episódios históricos elementos fantasiosos transmitidos pela tradição oral através dos tempos” sobre “algumas passagens factuais acerca da guerra do Paraguai, ocorridas à margem do Rio Paraguai”. A análise compara passagens de “Retomada de Corumbá” a relatos de memórias pessoais, coletivas e familiares reunidos pelo professor José Vicente Dalmolin, disponíveis em vídeo no canal *You Tube*, desde 2014.⁴⁶ Entre os temas da história militar e regional alusivos à Guerra do Paraguai coletados por Dalmolin estão: Guia Lopes, a ocupação de Mato Grosso, a Retirada da Laguna e a retomada de Corumbá por tropas brasileiras, a 13 de junho de 1867.⁴⁷

José Adjuto Castelo-Branco Chaves dividiu o gênero memorial em Diários e Memórias. Estas, por sua vez, dariam origem a “duas grandes famílias” de memorialistas: a daqueles que se centram na narrativa de acontecimentos autobiográficos e a daqueles outros que, ao pretender “[...] traçar um vasto panorama do seu tempo aparecem nas memórias muito semelhantemente à maneira como em certos grandes painéis e alegorias oficiais se autorretratavam os grandes pintores: um pouco apagadamente, a um dos extremos da composição”.⁴⁸ É nesse segundo caso que as Memórias de Nava aludem à Guerra do Paraguai (1864-1870). A primeira dessas

44 MORAES, Marco Antônio de (Org.). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: Cartas, 1924-1944*. São Paulo: Global, 2010.

45 BRAZIL, Maria do Carmo; CANSIAN, Elaine. A retomada de Corumbá (1865-1867): olhares e memória social. In: ESSELIN, Paulo Marcos; JÚNIOR, Carlos Martins (Org.). *A Retirada da Laguna e a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai*. Porto Alegre, RS: PPGH, FCM 2018, 247-290.

46 Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=jos%C3%A9+vicente+dalmolin+paraguai. Acesso em: 3 dez. 2019.

47 Idem, p. 284-287.

48 CHAVES, Castelo-Branco. *Memorialistas Portugueses*. Amadora: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978, p. 6.

alusões inclui-se no plano biográfico, nas recordações do político cearense Iclirérico Narbal Pamplona:

Se meu tio-avô Itrício era cheio de rompantes, seu irmão mais velho, o Comendador Iclirérico Narbal Pamplona era a figuração da medida, do discernimento, da ponderação e da cerimônia. Gostava de conviver, de conversar e era um interlocutor perfeito e cheio de urbanidade. Tinha uma palestra viva, agradável e pinturesca. Dotado de talento para narrar – evocava com graça e facilidade. Era um prazer ouvi-lo, por exemplo, sobre o Aracati natal. (...) Referia as glórias cívicas de sua cidade, o “Dezessete” o “Vinte e Quatro”, os voluntários mortos no Paraguai, mas verberava, como monarquista, a vergonha da instalação, na mesma, do primeiro clube republicano do Ceará e que datava de 1870.⁴⁹

A segunda alusão, ainda em *Baú de ossos*, refere-se ao tio-avô paterno de Nava, Joaquim Feijó de Melo, nascido em 1836, no Engenho Formoso, em Pernambuco. No plano biográfico, muitas vezes o panorama político da época serve de fundo para a narrativa de episódios da vida pública e da vida privada. Os exemplos colhidos das histórias de Feijó e Iclirérico Pamplona abordam a transição do Segundo Reinado à República, sem limitar as biografias à elaboração de mera representação da política local e nacional. Entretanto, as passagens que assim podem ser consideradas evidenciam a opinião do círculo de relações familiares a respeito de pessoas públicas e gestos políticos de uma era, inclusive, conforme veiculados na imprensa da época:

Sucedendo ao sogro, no cargo de tabelião de notas, em 1865 e falecendo a 21 de outubro de 1917 (...) foi notário durante cinquenta e dois anos. (...) Antigo *minu*, dos tempos imperiais e de Pompeu, o Feijó seria *marreta* na República e um dos sustentáculos da ressurreição política do genro daquele, o Accioly, nos governos do nosso primo Major Benjamim Liberato Barroso e do Coronel José Freire Bezerril Fontenelle. Ele recebeu festivamente a primeira presidência Accioly, mas foi se enojando com a política diante dos desmandos do interregno boçal de Pedro Augusto Borges e com o aspecto mambembe, rancoroso, familiar, chuê, compadresco e oligárquico do segundo consulado Accioly. Não rompeu ostensivamente com o velho amigo, mas afastou-se dele discretamente. Manteve-se equidistante dos partidos e foi isto que, junto da sua respeitabilidade e da estima unânime que desfrutava em Fortaleza, permitiu-lhe salvar um dia a vida do velho soba cearense. (...) Convivente, cavalheiro, gostando de receber e fazendo-o como um fidalgo, o velho Feijó influenciou poderosamente na maneira gentil e na boa educação de meu Pai. Militante histórico da imprensa da terra e homem de espírito, foi também a primeira impressão intelectual sentida pelo enteado.⁵⁰

49 NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1974, p. 50-51.

50 NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Op. cit., p. 81-82.

É relevante destacar a ligação de certos familiares de Nava, como Feijó e Antônio Salles, à imprensa e à vida política, veículos formadores de opinião que possuem relação de influência mútua com as crenças, discurso, imaginário e valores da população. Nesse sentido, recorde-se o *Cabichui*, fundado e escrito por Juan Crisóstomo Centurión, Natalício de Maria Talavera e o padre Fidel Maíz. As 95 edições publicadas, entre 13 de maio de 1867 e 20 de agosto de 1868, pela Imprensa Del Ejercito, no quartel general de Paso Pacu, em San Fernando, extinguíram-se devido à escassez de papel e mão de obra especializada. De tiragem semanal, redigido no idioma ebhol e em guarani, o jornal trazia ilustrações e caricaturas de personalidades da guerra contra o Paraguai. A distribuição alcançava o território paraguaio, os acampamentos argentinos, brasileiros e uruguaios. A sátira era a linguagem empregada pelos redatores a fim de entreter os soldados. “O *Cabichuí* pode ser lido como uma importante fonte de pesquisa voltada para os estudos da história política e militar do Paraguai, assim como do Uruguai, Argentina e Brasil”.⁵¹ O memorialista sugere temas-chave abordados “no gabinete do Feijó” e na imprensa do tempo, que refletem o panorama político e social do Segundo Reinado e década inicial do século XX:

A palestra havia de ser mais viva no gabinete do Feijó entre ele, seus cunhados Iclirérico, Cândido, Itríclio, Flávio, Durval, Frederico; seus concunhados José Pinto, Peregrino Arruda, Pedro da Silva Nava; seus tios afins José Nunes, Amaro Souto, Gonçalo Souto e Joaquim Antônio da Silva Ferreira. Tudo ia bem quando se cuidava de negócios, de genealogia, de velhos casos do Aracati, de lembranças da Guerra do Paraguai. Também todos estavam de acordo quanto ao problema dos escravos e eram, sem exceção, pela alforria e formavam na “Sociedade Abolicionista Cearense”, ao lado de Leonel Nogueira Jaguaribe, Ildfonso Corrêa Lima, José Onofre Muniz Ribeiro, Francisco Dias Martins, Adolpho Hebster, Francisco Alves Vieira e Manoel Joaquim Pereira. Já a ideia da República provocava discussões porque Lequinho, o Feijó, o Zé Nunes, os dois Soutos, o Quincas Ferreira, o Flávio eram monarquistas enquanto o Candinho, o Itríclio, o Durval, o Frederico, o Peregrino e meu avô eram republicanos.⁵²

Uma das fontes de primeira mão utilizadas pelo autor para a reconstituição desses serões familiares seria o engenheiro Antônio Ennes de Souza, conterrâneo de seu avô, o maranhense Pedro da Silva Nava, falecido aos 37 anos, em 1880. Nava residiu com os Ennes de Souza, no Rio de Janeiro, nos últimos anos como interno do Colégio Pedro II, convivendo com a parte da família paterna que migrara para aquela cidade.

51 CABICHUI. Assunção, Paraguai: Imprensa del Cabichui, 1867-1868. 95 edições. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/1335>.

52 NAVA, Pedro. Baú de ossos. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1974, p. 56-57.

Do convívio com Ennes de Souza, Nava obteve relatos e testemunhos sobre a vida do avô homônimo, e do pai, José Pedro da Silva Nava:

Cedo meu avô teria ficado órfão, pois foi ser criado por sua tia-avó que era também a avó de seu primo, irmão adotivo, compadre e melhor amigo – Antônio Ennes de Souza, homem por todos os títulos admirável que tive a vantagem de ter como influência na infância e mestre na adolescência. E tive outra prerrogativa: a de, menino, perceber a qualidade do homem com quem lidava.⁵³

O excerto a seguir permite constatar a permanência de memórias, reais e imaginárias, remanescentes da Guerra do Paraguai e transmitidas até 1880, ano de falecimento de Pedro da Silva Nava, avô do memorialista, no Rio de Janeiro. Nava recorre ao termo *troupier*, do francês, soldado de cavalaria, para designar Cordeiro, o narrador dos relatos em que fatos históricos são revestidos de conotação fantasiosa, produzida pelo discurso hiperbólico e folhetinesco da fonte:

Meu avô encontrou aqui o primo e irmão de criação Totó Ennes, sua mulher Eugênia e toda a tribo dos Salles Rodrigues, vinda do Piauí, na esteira da última. Sua mãe viúva, Dona Henriqueta Salles Tomé Rodrigues (Dona Quetinha) e seus filhos Antônio (Totônio), Henrique, Manuel (Maneco), Maria Eugênia e outra, que logo morreu (...) Por intermédio dos Ennes, meus avós estabeleceram amizade, herdada até hoje, com a família do médico maranhense Cipriano de Freitas e com a de um extraordinário irmão ou cunhado de Dona Quetinha, antigo *troupier*, chamado Cordeiro. Esse Cordeiro nada tinha de cordeiro e era, pelo menos na aparência, verdadeira fera sanguissedenta. Ao fim de jantares bem regados ao porto, é que ele lamentava os tempos da Guerra do Paraguai, em cujas batalhas se desalterara e descrevia uma por uma. Porque estivera em todas, mesmo as que se tinham travado à mesma hora, em longínquos campos e nas quais ele, ubíquo, batera-se como um leão. Em Itororó fizera uma chacina e salvara a vida de Argolo; em Avaí, velara sobre a de Andrade Neves levantando em torno dele uma paliçada de cadáveres; em Lomas Valentinas lanceara tudo quanto se aproximava de Mena Barreto – que só caíra em Peribebeu porque, na hora, ele estava junto à divisão argentina, a recados do Príncipe Gastão. Finalmente, na charqueada de Cerro Corá, arredando pelo gasnete o soldado Chico diabo, fora ele, Cordeiro – e não outro! – quem trucidara Solano Lopez. Contando esses lances, a voz do veterano tinha, ora estridências de clarim, ora roncões de moedor e todo ele tremia de raiva, estalava e vibrava qual chocalho de cascavel, fogueira de galhos secos ou maracá de guerra – do rangido dos coldres, das passadeiras, do cinturão e do tinido dos botões, das veneras e das fivelas do talim. Porque era raro que ele não estivesse

53 NAVA, Pedro. Baú de ossos. Op. cit., p. 18-19.

fardado e, preferentemente, na glória dos dourados e das plumas da grande gala. Ennes de Souza e meu avô gostavam de puxar por ele e punham-no sempre fora de si, dizendo com o ar mais sério do mundo que o que temiam era a possível desforra paraguaia de que sentiam os prenúncios em certos aspectos antiimperiais da política dos países platinos. O heroico veterano arrepanhava as fauces num rito de jaguar, riscava o soalho com as rosetas das chilenas, desembainhava o meio e urrava. Pois se era isso, isso mesmo, que ele queria... e que viessem os sacanas todos, paraguaios, argentinos, uruguaios, o resto da gringalhada e as guianas de contrapeso... podíamos com todos, bramia ele, olhando aquilunamente o horizonte, cavanhaque espetado, fremente e todo inclinado na sela de corcel imaginário, disparado em carga irresistível sobre corpos despedaçados, debaixo de um céu constelado de obuses...⁵⁴

Para o historiador Paul A. Cohen, relatos e testemunhos de um tempo de guerra podem repercutir por muito tempo na memória coletiva, sendo reapropriados por ela de vários modos. Nesse processo, a ressonância ou reverberação entre história e situação, entre certa narrativa e uma condição histórica contemporânea levam as pessoas a ressignificar eventos e relatos.⁵⁵ Tal ressignificação abrangeria narrativas da Guerra do Paraguai na acepção atribuída por Ricardo Salles à história militar, considerando-a “patrimônio da memória oficial (...) igualmente pródiga em oficialismos e elogios”⁵⁶, discurso por vezes refletido na literatura, arte e memória coletiva de modo peculiar “as cenas eram sempre épicas, retratando atos de heroísmo e determinação”.⁵⁷ Imbuído de ideias de nacionalismo e patriotismo, tal discurso pode incitar atos de xenofobia no comportamento de um grupo, conforme ilustra esta outra passagem biográfica sobre Cordeiro:

E como tardasse a cobiçada guerra, o Cordeiro belicoso derivava numa cólera irracional contra os portugueses. No último sete de Setembro ele induzira o Henrique e o Maneco a ajudá-lo a instalar na Corte o festivo hábito do *mata-marinheiro*, tão do agrado dos patriotas do Norte – que iam à rua, no dia da Independência, com varas, para esquentar o lombo dos galegos que fossem encontrando. Mas parece que os daqui eram mais recalcitrantes que os de São Luís, Teresina e Fortaleza, porque os três escaparam de não voltar para casa. Armados de marmeleiros e de ardor cívico, saíram para encontrar sua caça à Rua do Mercado. E tome! Mas aos *aqui-d’el-reis* do primeiro sovado, desembocou dos becos do Tinoco e dos Adelos uma matula de lusitanos de bigodeira azulada e porrete curto que aplicou nos jacobinos corretivo cuja eficácia correu parelhas com sua rapidez e silêncio. E consumado sumiu, chão adentro, deixando os patriotas rodados, moídos, desossados, contundidos e estatelados no

54 NAVA, Pedro. Baú de ossos. Op. cit., p. 64-65.

55 COHEN, Paul. History and Popular memory: The Power of Story in Moments of Crisis. New York: Columbia University Press, 2014, p. xi.

56 SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 2.

57 SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: Memórias & Imagens. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2003, p. 10.

lajedo.⁵⁸

Além dos episódios biográficos, a reconstituição da história da Rua Gonçalo Gonçalves, no Rio e Janeiro, informa o leitor de *Baú de ossos* sobre como episódios da história oficial e militar da Guerra do Paraguai inscreveram-se na toponímia e onomástica da capital do Império:

Caminho de Gonçalo Gonçalves. Eis o primeiro nome que teve a Rua General Câmara. Assim mesmo no seu trecho inicial, das marinhas, à altura da Candelária. É mais ou menos essa parte que foi também chamada “rua que vai para o Cruzeiro da Candelária”; Rua do Azeite do Peixe, porque nela era negociado o azeite, geralmente de baleia, para iluminação dos cariocas; Rua do Sabão, no trecho onde ficavam os armazéns do monopólio colonial desse produto. De Ourives a São Domingos, teve o nome de Rua Bom Jesus porque nela se erguia, ao canto da Rua da Vala, a Igreja do Senhor Bom Jesus do Calvário. Daí para o Campo de Santana, chamou-se Rua dos Escrivães porque era onde se concentrava a gente cartorária. Em 1840 a Câmara decidiu que seria, em todos os trechos, Rua do Sabão da Cidade Velha – para distinguir do seu prolongamento, a Rua do Sabão da Cidade Nova. A partir de 2 de abril de 1870, chamou-se General Câmara, em homenagem ao vencedor de Aquidabã – Brigadeiro Antônio Corrêa da Câmara. Caminho de Gonçalo Gonçalves, Rua do Cruzeiro da Candelária, do Azeite de Peixe, do Bom Jesus, dos Escrivães ou do Sabão – a finalmente General Câmara foi uma das passagens mais insígnies e tradicionais do Rio de Janeiro dos seiscentos, dos setecentos, dos oitocentos e dos novecentos.⁵⁹

Sobre a questão do nativismo no século XIX, os ascendentes de Nava oriundos do Ceará trocariam “os nomes lusíadas pelos de Sucupira, Araripe e Jaguaribe”, dentre os quais se notam “[...] militares da grei e a quantidade de seus membros mortos em brigas pessoais, lutas de família, de política ou derrubados heroicamente – na Confederação do Equador, na Guerra do Paraguai e na Campanha de Canudos”.⁶⁰ Nava refere ainda “Outro Tristão de Alencar Araripe e seu irmão Xilderico, abatidos a 14 de abril de 1865, no Paraguai, na mesma carga da mesma batalha. Ainda na guerra do Lopez, tomba Anastácio Antônio de Faria.”⁶¹ Este último é citado por Maria Regina Santos de Souza em comentário a situações de descumprimento da Lei militar de 31 de julho de 1841, Decreto nº 89, que prescrevia o pagamento de “[...] uma pensão ou meio soldo assegurado às viúvas dos soldados ou oficiais mortos em guerra”; a isenção do pai laborioso, do arrimo de família e do filho único ao serviço das armas; e a proibição da

58 NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Op. cit., p. 65.

59 NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Op. cit., p. 70.

60 *Idem*, p. 169-170.

61 *Ibidem*, p. 174.

ida de mais de um membro da mesma família à guerra. Conforme se verifica na petição a seguir, mais de um ano após a morte de Anastácio Antônio de Faria, a família ainda não recebera a pensão:

Apresentando a VEX^a o presente requerimento em que Dona Francisca Torres de Farias, viúva do Tenente Secretário do Batalhão de n.º 14, Anastácio Antonio de Farias, pede a S. Majestade, o Imperador, um auxílio para sua subsistência por ter perdido o seu principal arrimo, que na qualidade de Capitão do Batalhão n.º 32 de voluntários da pátria, foi morto no dia 19 de maio último, no acampamento do 2º corpo do exército em operações contra o Paraguai, cumpre-me informar a VEX^a que é verdade o quanto alega a suplicante, e que a julgo no caso de merecer a graça que impetra, visto como outras em iguais circunstâncias a ter tido.⁶²

Segundo registram Francisco Silva Nobre⁶³ e Sânzio de Azevedo⁶⁴, o Capitão Anastácio Antônio de Faria era casado com Maria Ambrosina de Alencar Faria e pai do folhetinista, poeta e orador Xilderico Araripe Faria (1851-1876), autor de *Liberdade Religiosa* (1874) e membro da agremiação filosófico-literária denominada “Academia Francesa”. Dona Francisca Torres de Faria, mãe do Capitão Anastácio Antônio de Faria, teria perdido marido e filho na guerra.

Reminiscências de veteranos

Ainda sobre os ascendentes maternos de Nava, Domingos José Nogueira dos Santos, após os estudos de Direito na Faculdade de Olinda, Domingos José Nogueira Jaguaribe, era pai do avô materno do autor. Após 1845, foi promotor público em Sobral e Fortaleza. Em 1850, foi eleito deputado provincial e presidiu a Assembleia cearense, obtendo o cargo de professor de Retórica do Liceu, depois “diretor dessa casa de estudos”, inspetor de Instrução Pública em sua província, jornalista e diretor dos jornais do Partido Conservador, ambos em Fortaleza, o *Pedro Segundo* e o *Constituição*, fundado por ele. Atuou como Juiz de Direito de Crato, Inhamuns e Sobral até 1853. Deputado-geral em 1866, exerceu a função de segundo-secretário da Câmara:

Em 1867 parte para o Sul e é Auditor de Guerra junto às tropas brasileiras em campanha no Paraguai. Datam de então as amizades que ele conquistou entre os chefes militares que comandavam as forças da Tríplice Aliança, amizade testemunhada pelas fotografias que tenho do álbum que lhe pertenceu e que representam não só o Marquês de Caxias

62 LIVRO de Registro de Ofícios da Presidência do Ceará ao Ministério da Guerra (1862-1870). Livro nº 149. Ofício enviado em 13 de setembro de 1866. Arquivo Público do Ceará. APEC/ DORAVANTE apud SOUZA, Maria Regina Santos de. Impactos da “Guerra do Paraguai” na Província do Ceará (1865-1870). Op. cit. p. 148.

63 NOBRE, Francisco Silva. 1001 Cearenses Notáveis. Fortaleza: Casa do Ceará editora, 1996, p. 148.

64 AZEVEDO, Sânzio. A Academia Francesa do Ceará. Fortaleza: Casa de José de Alencar da Universidade Federal do Ceará, 1971, p. 24.

e o Barão da Passagem, como Leandro Gomes Flores, Mitre e Estigarríbia. Nessa época Jaguaribe tinha 47 anos (...) Volta do Paraguai para assumir a cadeira de Senador do Império para que fora eleito naquele ano de 1867. Quando o Visconde do Rio Branco organiza o vigésimo sexto gabinete do segundo reinado, Jaguaribe é um dos seus componentes, ocupando a pasta da Guerra – para a qual o indicava o prestígio que ocupava no seio do exército, desde sua atuação no Paraguai.⁶⁵

Do círculo de relações dos Ennes de Souza, no Rio de Janeiro, Nava alude às “histórias intermináveis” e “casos” contados por Manuel Almeida dos Guimarães Modesto, “[...] referia sempre o Doutor Titara, Doutor João Luís dos Santos Titara, seu compadre, afilhado de Caxias, veterano do Paraguai e no seu tempo, o dono da maior clínica dos subúrbios”⁶⁶ Nava dedicou-lhe um capítulo exclusivo “Apontamentos sobre o Doutor Titara” em *Território de Epidauro*:

Exercia principalmente em Todos os Santos. Mas antes das lutas da clínica, metera-se noutra, de sabre, fome, tiro e beribéri: a Guerra do Paraguai. Coursava o quinto ano médico quando largou-se para o sul e para a aventura, numa leva de voluntários, e lá começou a prestar serviços no hospital de sangue, onde um dia esbarrou-se inesperadamente com Caxias, seu amigo e padrinho de batismo.

– Você por aqui, menino? Satisfeito?

– Não, senhor!

Porque moço, forte e exuberante, aborrecia-lhe o trabalho frouxo da retaguarda e suspirava pelas linhas avançadas. Caxias fez-lhe a vontade. Levou-o para seu Estado-Maior, onde reservava para o afilhado as missões perigosas.⁶⁷

Para escrever sobre Titara, Nava obteve informações de seu tio afim Heitor Modesto, filho de Manuel Almeida dos Guimarães Modesto. Vítima de paralisia que o impediu de andar, Titara passou a viver na residência dos Modesto, onde continuou clinicando em uma cadeira de rodas.⁶⁸ Quanto à medicina praticada na Guerra do Paraguai, vale lembrar a atuação do cirurgião militar brasileiro Augusto Cândido Fortes de Bustamante Sá (1834-1872). Ingresso no Corpo de Saúde do Exército após se formar, em 1858. No Paraguai, serviu como 1º cirurgião do Hospital Militar da Corte. Em *Summario dos fatos mais importantes da Clínica Cirurgica observados no Hospital Militar da Guarnição da Corte durante os anos de 1865 a 1870* (1872):

65 Ibidem, p. 170-171.

66 Ibidem, p. 395.

67 NAVA, Pedro. Médicos Suburbanos de Ontem e de Hoje II. In: NAVA, Pedro. *Território de Epidauro: Crônicas e Histórias da História da Medicina*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 119.

68 NAVA, Pedro. Baú de ossos. Op. cit., p. 312.

[...] descreve a operação realizada por ele sobre o Voluntário da Pátria Francisco Gomes de Mendonça, pernambucano de 39 anos de idade, de “constituição deteriorada” e “temperamento linfático”, que entrou para o Hospital Militar a 13 de novembro de 1868, com um aneurisma tendo “por sede a artéria femoral direita” e daí “estendendo-se até a ilíaca externa”. No dia 25 de novembro, às 10 horas da manhã, foi praticada a ligadura da ilíaca primitiva sem anestesia e com êxito. O paciente salvou-se. A intervenção por si só diz do valor de Bustamante, máxime se pensarmos que ela foi feita em época tão recuada.⁶⁹

Em *Balão cativo*, segundo volume das Memórias, a menção à Guerra do Paraguai inclui-se no plano autobiográfico, nas recordações de Nava quando interno no Colégio Pedro II, entre 1916 e 1920. O relato de um veterano alude a um capítulo da guerra certamente impressionante para os adolescentes do Pedro II: a história das crianças guaranis levadas ao campo de batalha. Hilda Flores observou que os combatentes brasileiros, chamados pelos paraguaios de “macacos”, eram referidos como cruéis e implacáveis ante os homens, mulheres e crianças guaranis. “Essa crença, generalizada e temida, se modificou a partir de 1868, quando a guerra pendeu cada vez mais desfavorável a López, com penúrias em aumento”.⁷⁰ Sem explicitar a informação, o autor nota que veterano teria opinião diversa dos “compêndios” da época sobre as causas do conflito:

Às vezes os inspetores tomavam parte em nossa conversa. Gostávamos principalmente das reminiscências de dois veteranos. As do Lino, que estivera em Canudos (...) As do outro veterano, esse agora do Paraguai. E tinha também nome de batalha, de glória, de almirante – era Mariano Francisco Nelson, chamado só de seu Nelson porque ninguém ousara apelidar esse homem austero, venerável e bom. Tinha cabelos de prata e bigodes pardos dos charutos sucessivos. Ele vivia dentro de uma nuvem e não se sabia bem se ele estava fumando, mascando, mastigando, comendo ou fumando o charuto esfaçalhado e em chamas. Deitava fumaça pelos narizes, ouvidos, boca. Parecia estar pegando fogo. Fora soldado do príncipe Gastão, que ele chamava *o conde do Êu* em vez de Conde d’Eu. Nunca se esquecera do fim da campanha e do heroísmo dos meninos guaranis aprisionados que ele e seus companheiros queriam fazer dar vivas ao Brasil, mas que se deixavam derrubar e pregar ao solo por baioneta, gritando até perder a voz que viva viva viva López! Discutíamos muito com o seu Nelson porque ele, ao contrário dos que diziam os compêndios sustentava que nós é que tínhamos provocado o Paraguai.⁷¹

69 NAVA, Pedro. Apontamentos para o Estudo dos Primórdios da Cirurgia Vasculosa no Brasil I. In: NAVA, Pedro. Território de Epidauro. Op. cit., p. 76.

70 FLORES, Hilda Agnes Hübner. Mulheres na Guerra do Paraguai. Op. cit., p. 138.

71 NAVA, Pedro. Balão cativo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1977, p. 293.

Atualmente, o acesso a arquivos e documentos antes inacessíveis ao historiador trouxe novos aportes aos estudos sobre o conflito.⁷² Para Francisco Doratioto, a Guerra do Paraguai é fruto das “contradições platinas” e do processo de consolidação dos estados nacionais da região, questões vinculadas à Guerra Civil Uruguaia, na qual interferiram os governos argentino (em apoio aos sublevados), brasileiro e paraguaio.⁷³ “As causas iniciais desta Guerra talvez sejam o único aspecto no qual as diversas correntes historiográficas concordem, uma vez que estão relacionadas à intervenção do Brasil em território uruguaio”, afirmou Vitor Izecksohn, intervenção gerada por conflitos de fronteira que opuseram estancieiros brasileiros ao governo Blanco daquele país.⁷⁴ Ratificando tal visão, Paulo Marcos Esselin e Tito Carlos Machado de Oliveira arguíram que, na Guerra do Paraguai: “[...] a captura do vapor brasileiro Marquês de Olinda, com a consequente prisão do presidente nomeado para Mato Grosso, o coronel Carneiro de Campos, que nele seguia como passageiro, está distante de ser a gênese do conflito”.⁷⁵

Em *Chão de ferro* (1976), é interessante notar como o memorialista se reporta aos casos ouvidos do avô materno, Joaquim Nogueira Jaguaribe, com quem conviveria de maneira mais próxima com a mudança da família de Juiz de Fora para Belo Horizonte, em fins de 1913. Nava recorda que, “nas noites amenas”, o avô reunia a família na varanda para contar suas histórias:

Vinham depois as gestas do Paraguai, não as dos compêndios – heroicas e convencionais – mas as vividas, as do sangue, das degolas, dos massacres – dos estupros, dos saques, dos incêndios, do aniquilamento – chegadas pela boca de meu bisavô, que fora Auditor de Guerra em Assunção e pelas dos primos José Martiniano Peixoto de Alencar e Carlos Augusto Peixoto de Alencar, irmãos de carne e de armas, respectivamente os Voluntários da Pátria números 1 e 2 no alistamento. Tinha retrato dos três no álbum da sala. O futuro Visconde numa farda larga como um pijamão. O primo Zé Martiniano de olhos mansos e o primo Carlos de bigodeira, feroz. Minha mãe ainda o conheceu na sua infância do Juiz de Fora. Meu avô guardara os casos todos da guerra do López, na sua memória de mocinho de 15 anos feito os da Primeira Grande Guerra ficariam na minha.⁷⁶

Mesmo não sendo testemunha direta de fatos da Campanha do Paraguai, o depoimento de Nava é valioso por ser parte desta cadeia de transmissão de memórias familiares que corre à margem das versões “heroicas e convencionais” da historiografia

72 FRANCISCO DORATIOTO, 2015. (31m18s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=USpNEXJb-ds>. Acesso em: 25 de ago. 2019.

73 DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. Op. cit., p. 87.

74 IZECKSOHN, Vitor. O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o Núcleo Profissional do Exército. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2002, p. 32.

75 ESSELIN, Paulo Marcos; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. A Guerra grande e a Invasão do Mato Grosso. In: ESSELIN, Paulo Marcos; JUNIOR, Carlos Martins (Org.). *Guerra Grande: A Tríplice Aliança contra o Paraguai. Visões e Revisões*. Porto Alegre: Editora FCM, 2017, p. 61.

76 NAVA, Pedro. *Chão de ferro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1976, p. 143.

oficial. As histórias passadas de pai para filho e de avô para neto abrangem fontes de primeira mão relacionadas ao conflito, como o Visconde de Jaguaribe e os Voluntários da Pátria José Martiniano Peixoto de Alencar e Carlos Augusto Peixoto de Alencar. Conforme expôs Francisco Silva Nobre, José Martiniano Peixoto de Alencar (1840-1923) e seu irmão Napoleão Peixoto de Alencar deram “[...] início ao alistamento militar de cearenses para a guerra do Paraguai, tendo publicado artigo no jornal ‘Pedro II’ conclamando os jovens conterrâneos para fazer o mesmo e defender a Pátria ameaçada (...) formando o 1º Corpo de Voluntários do Ceará em 05/04/1865”.⁷⁷ Infelizmente, o conteúdo dessas narrativas se perdeu, delas permaneceram apenas fragmentos citados por Nava.

Considerações finais

O crítico literário e folclorista Silvio Romero registrou, em 1888, um folheto de cordel intitulado “Guerra do Paraguay”, similar às gestas “heroicas”, com versos do poeta cearense João de Sant’Anna Maria (1827-188?). Tais apropriações poéticas de narrativas que encerram memórias de fatos históricos podem ser exploradas por outras modalidades da cultura popular e erudita, que muitas vezes o biógrafo, o historiador e o memorialista buscam não só coligir, como justificar e interpretar. História e literatura podem conciliar seus enfoques ao perscrutar os modos de representação de eventos e personalidades, propondo reflexões sobre a evolução do pensamento que constitui a essência de cada época, reconfigurando os modelos anteriores.

Devido ao surgimento de publicações póstumas, como os diários do Conde d’Eu, de José Campello d’Albuquerque Galvão e de Francisco Pereira da Silva Barbosa, é possível notar a constituição ou evolução de uma memória do evento histórico, que apreende arte, literatura, memorialística e historiografia, conjunto de escritos cujo aporte híbrido responde a flutuações políticas, ideológicas, artísticas e sociais. A análise de outros gêneros, como o texto biográfico, envolve questões complexas sobre as noções de “verdade” e “ficção”, ambas comprometidas pela falibilidade da memória e dos recursos de acesso e interpretação de fontes em certos casos.

Em *La Guerra al Paraguay*, Juan Natalicio González aludiu ao “testimonio flagrante” representado pelas “víctimas humanas, sacrificadas sem causa justificable.”⁷⁸ O empenho que Nava demonstra pelo conhecimento do passado pode ser justificado pela ideia de testemunho, apresentada em *Território de Epidauró* quando se delineiam fontes e métodos de investigação:

77 NOBRE, Francisco Silva. 1001 Cearenses Notáveis. Op. cit. p. 34.

78 GONZÁLEZ, J. Natalicio González. *La guerra al Paraguay: imperialismo y nacionalismo en El Plata*. Buenos Aires: Sudestada, 1968, pp. 60, 43.

Fotografias desmerecidas pelos anos. Recortes de jornais. Cópias de documentos esquecidos. Receitas antigas, Conversa de velho. Principalmente apontamentos colhidos nessa conversa com as testemunhas do passado. Onde haja filho, irmã, viúva, amigo ou contemporâneo dos mestres mortos, procuro sempre me insinuar, para recolher a história não oficial dos seus hábitos, seus concursos, amizades e inimizades, modo de exercer, particularidades pessoais. Todos os pequenos detalhes e os fragmentos de humanidade, às vezes tão importantes na interpretação de um caráter e na explicação do lado profundo das existências, Material que não figura nos necrológios, nos discursos, nos “documentos declarados” (quase sempre repositórios onde a censura e as conveniências falseiam a vida das criaturas), mas que chega ao nosso conhecimento pela palavra antiga das filhas ou das viúvas, quando repetem as conversas um dia soltas nas varandas ou em torno às mesas de jantar das casas consumidas.⁷⁹

Essa reflexão matricial é expandida em *Baú de ossos*, segundo a ideia de transmissão:

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho – porque só este sabe que existiu em determinada ocasião o indivíduo cujo reconhecimento pessoal não valia nada, mas cuja evocação é uma esmagadora oportunidade poética. Só o velho sabe daquele vizinho de sua avó, há muito coisa mineral nos cemitérios, sem lembrança nos outros e sem rastro na terra – mas que ele pode suscitar de repente (...) para o menino que está escutando e vai prolongar por mais cinquenta, mais sessenta anos a lembrança que lhe chega (...).⁸⁰

A perspectiva de Nava ao redigir o texto memorialístico não se restringe a história oficial mas pondera igualmente, quando possível, sobre as atitudes mentais, percepções e sentimentos dos que lhe fornecem seus testemunhos. Cartas, diários, jornais e memórias relativos à Guerra do Paraguai podem responder questões importantes para os estudos culturais, a historiografia e a literatura, considerando-se a amplitude de tipologias textuais e manifestações da oralidade ainda por explorar, produzidas pelos combatentes e pela população civil, conservados por meio de arquivos pessoais e familiares. O patrimônio imaterial também é repositório do passado, que é absorvido e elaborado nas cantigas, cordéis, expressões proverbiais, gestas e casos

79 NAVA, Pedro. Território de Epidauro. Op. cit., p. 117-118.

80 NAVA, Pedro. Baú de ossos. Op. cit., p. 17.

repetidos por meio de inúmeras modalidades artísticas de retenção da memória dos episódios históricos.

Nesse sentido, as Memórias de Nava contemplam, simultaneamente, a versão histórica e a continuidade das manifestações culturais que se produzem ao longo do tempo sobre um fato marcante, mas com um olhar original, que não despreza a questão da subjetividade, a exemplo dos casos do “belicoso Cordeiro” sobre as batalhas da Guerra do Paraguai “[...] descrevia uma por uma. Porque estivera em todas, mesmo as que se tinham travado à mesma hora, em longínquos campos e nas quais ele, ubíquo, batera-se como um leão”.⁸¹ A forma de repercussão dos acontecimentos no imaginário e na capacidade de efabulação também participam da função mnemônica, como sugere este excerto relatando “os manejos, as academias, as cavalcadas do Primeiro” Regimento de Cavalaria de Guardas, visto por Nava das janelas do Colégio Pedro II:

Quando eu passei para a Primeira Divisão e para a vista de suas fenestras – as mesmas do Estado Maior, no andar de cima – era delas que eu continuava a acompanhar a fabulosa progressão da manhã. (...) depois de bufos, relinchos, cornetas de comando e de repente o pleno dos clarins tocando marcha triunfal em compasso ora de volta e vira-volta, ora de marcha, cabriola, alto-escola, rodeio, piafê, trote e galope final, Aquilo era o Primeiro de Cavalaria fazendo exercício dentro da cerração do Campo. (...) Às vezes o Campo parecia um aquário entre luzente e turvo. As tropas sumiam na névoa e voltavam à periferia, nascendo do opaco como o vertigris e o argênteo dos peixes e escamas saindo de grutas, chegando ao vidro, voltando às profundas da luminosidade – tão estompantes de contornos como as ditas dos escuros... Nulo, o Tempo se estilhaçava aos clarins: eu estava na guerra do Paraguai com meus parentes Alencares – Tristões, Leonéis e Franquins – nas cargas fulminantes de Montes Caseros e das Lomas Valentinas.⁸²

Na memorialística de Nava, “analogias e transposições poéticas” são meios de evocação do passado. Estimulando possíveis relações de correspondência entre as perspectivas artística, historiográfica e literária, constituem e reconstituem a memória da Guerra do Paraguai. Entre os perfis biográficos, relatos e temas concernentes ao conflito mencionam-se, respectivamente, “os voluntários mortos no Paraguai”; “velhos casos” “de lembranças da Guerra do Paraguai”, “certos aspectos antiimperiais da política dos países platinos”, as batalhas de Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Peribebuí, Cerro Corá e Aquidabã; a atuação de Domingos Nogueira Jaguaribe como Auditor de Guerra e do Doutor Augusto Cândido Fortes de Bustamante Sá como cirurgião militar; “o heroísmo dos meninos guaranis aprisionados”; “as gestas do Paraguai”, “as vividas, as do sangue, das degolas, dos massacres – dos estupros, dos saques, dos incêndios, do

81 NAVA, Pedro. Baú de ossos. Op. cit. p. 64.

82 NAVA, Pedro. Chão de ferro. Op. cit. p. 63-65.

aniquilamento” contadas por Domingos Jaguaribe e pelos primos José Martiniano Peixoto de Alencar e Carlos Augusto Peixoto de Alencar, Voluntários da Pátria.

Além destes últimos, as personalidades mencionadas são: o Marechal Argolo, General Andrade Neves, Coronel Mena Barreto, Príncipe Gastão, Cabo Chico diabo, Presidente Solano Lopez, Brigadeiro Antônio Corrêa da Câmara, Capitão Anastácio Antônio de Faria, Visconde de Jaguaribe, “o Marquês de Caxias e o Barão da Passagem, como Leandro Gomes Flores, Mitre e Estigarríbia”, o médico João Luís dos Santos Titara e Mariano Francisco Nelson, “soldado do príncipe Gastão”. Na obra de Nava, tais nomes e eventos perduram como traços do passado, que vivificam “retratos no álbum da sala” e reminiscências de amigos e familiares.

Recebido em 09 de setembro de 2019.

Aprovado em 04 de dezembro de 2019.